

**“Meu candidato é o asfalto”.O processo de construção de uma nova hegemonia na
contramão da cidadania (Volta Redonda, 1988-2004).**

Leonardo Ângelo da Silva*

Resumo

A proposta deste trabalho é problematizar a transformação e decorrente reestruturação política e social sofrida pela cidade de Volta Redonda após a privatização da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), ocorrida em 1993. A reestruturação atingiu várias esferas da realidade além da produção e implicou na construção de uma nova identidade para a cidade e seus cidadãos.

Esquecer o passado e seus ícones, construir novos ícones e validar um novo discurso, processo viabilizado através da construção do Estádio da Cidadania (2004) que pode servir como marco da consolidação da nova hegemonia local, depois dos anos de crise. Então, dentro de mecanismos verticais, construiu-se uma "cidadania" para um "cidadão" que de sujeito agente da sua história passa a expectador, receptor das benesses concedidas pela prefeitura e pela CSN.

Palavras Chave: cidadania, hegemonia, pós-modernidade.

Abstract

The proposal of this work is to raise the questions involved in the transformation and consequent political and social reorganization occurred to Volta Redonda city after the CSN (National Metallurgical Company) privatization, in 1993. That reorganization reached several spheres of the reality beyond the production itself and implied in a new identity re-elaboration for the city itself and its citizens. To forget the past and its icons, to build new ones and to validate a new speech ? process turned into real through the construction of the Citizenship Stadium (2004) ? which may be considered a mark of the new local hegemony consolidation, after the crisis ears. Then, inside of vertical mechanisms, a "citizenship" was constructed for a "citizen" who, once being a citizen agent of his own history, is turned into its expectant, only a receiver of the benefits granted by the city hall and the CSN.

Key words: citizenship, hegemony, post-modernity.

* Mestrando em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Histórico de uma (des)construção...

“Isto aqui era a cidade do operário. Hoje, não é de ninguém”. Na banca de camelô com que engorda a aposentadoria de peão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), à beira de um dos viadutos do centro, o mineiro Expedito Gomide da Costa, 63 anos, resume a sensação de fim de sonho que tomou conta da Cidade do Aço. Acabou o Eldorado de prosperidade e tranqüilidade erguido sob as chaminés da CSN desde os anos 40. Os 247 mil habitantes do município (Médio Paraíba), a 134 quilômetros do Rio, vivem o desconforto de um pesadelo marcado por desemprego, pobreza, violência e dívidas quanto ao futuro.¹

A reportagem é de 1991, anterior à privatização da CSN - 1993, mas já apontava para o início do processo que viria a se agravar durante os anos posteriores. Processo que pode ser entendido como a crise decorrente da ruptura do modelo de ‘company town’ sobre o qual a cidade havia sido projetada. Entender a ruptura implica entender a lógica desse modelo. Então, voltemos no tempo para explicar a vida em Volta Redonda até a década de 1980.

Antes da instalação da usina, em 1945, Volta Redonda era uma área rural do médio Paraíba Fluminense. Para o surgimento da siderúrgica construiu-se uma cidade e buscou-se mão-de-obra. Volta Redonda deveria ser modelo de modernização para todo o Brasil, segundo os preceitos do governo federal que concebia como "moderno" e "racional" uma cidade industrial. A montagem do complexo foi norteada por um ideário positivista, cada grupo possuía uma função para o desenvolvimento social, não levando em consideração os conflitos de classe. Para Graciolli, a forma típica de uma ‘company town’ era

“cidades em regiões controladas por uma empresa, com dupla perspectiva, ou seja, de um lado, suprir com razoável grau de garantia as necessidades da força de trabalho, através da fixação dessa pelo fornecimento de moradia e, por outro, estender o domínio da empresa ao âmbito privado dos moradores, por meio de vários mecanismos de disciplinamento” (GRACIOLLI, 1997: 28).

Devido a necessidade de conservação das hierarquias, o espaço urbano reproduzia a hierarquia da empresa: os melhores bairros aos cargos de alto escalão, a periferia às moradias operárias. Os trabalhadores, “bisonhos, completamente ignorantes, analfabetos e rústicos” (MOREL, 1988: 76-77), se “civilizariam” segundo padrões modernos ditados pela classe dirigente.

¹ Francisco Luiz Noel. Fim do sonho em Volta Redonda: Pobreza e violência da cidade refletem a decadência. *Jornal do Brasil*, 9/10/1991.

O controle violento para garantir os procedimentos de trabalho gerava descontentamento e resistência da parte dos operários. Como estratégia de superar esse tipo de conflito, foi concebido o projeto de uma ‘empresa-mãe’, no ideal de uma ‘família-siderúrgica’, conceito construído por Regina Morel. Segundo ela, para atingir esse objetivo, era necessário que o Estado - representado pela CSN – fosse entendido como “tutor da sociedade e construtor da Nação”, promovendo uma intervenção científica e racional no espaço, contemplando diversos aspectos da vida social, de forma que o atendimento das reivindicações dos trabalhadores fosse visto como ‘dádiva’.

Deve ficar claro que “trabalhador”, nesta época, não era encarado pelo Estado como todas as pessoas que viviam do trabalho, mas aqueles que, via vinculação trabalhista, regulada pelo próprio Estado, conquistam certos direitos em uma dimensão de cidadania regulada (SANTOS, 1987: 68). Assim, há uma política de moradias operárias (subsidiada) e serviços públicos (água e luz) fornecidos pela CSN até 1967. Após 1967, com a entrega de parte de seu patrimônio à prefeitura (essencialmente casas e ruas de bairros operários), há a desvinculação do sindicato das questões extra-salariais e de condições vigentes fora da fábrica. Agora estas deveriam ser feitas pela sociedade, através de associações de moradores ou outras organizações à prefeitura. Não nos esqueçamos de que neste período estávamos sob o regime militar e a questão da cidadania além de ainda estar sob certa medida “regulada”, passa a sofrer restrição política (SANTOS, 1987: 69), ou seja, sob o bastão policial e sem a menor prioridade para as áreas básicas de bem-estar coletivo (saúde, educação, saneamento). As associações de moradores, principalmente dos bairros pobres, só começam a existir no final da década de 70, quando a Igreja Católica incentiva a discussão dos problemas mais imediatos destes bairros (FONTES; LAMARÃO, 1986).

A CSN também sofria pressões, seguindo as diretrizes do governo, vivia um duplo papel: se capitalizar e subsidiar os ramos industriais dela dependentes. A produção durante décadas aumentou seu ritmo sem contrapartida com aumentos salariais. Logo, nos anos 80, a falência do projeto nacional-industrializante da ditadura militar aumentou o questionamento sobre a ‘modernidade industrial’ para Volta Redonda e sua população operária. Conflitos de classe começaram a surgir. O “Novo Sindicalismo” estimulou as greves de 1984 a 1988.

Os conflitos de classe serviram de justificativa (para a direção da CSN e governo federal) da proposta privatizante. Depois da grande greve de 1988, operários e população, debatem alternativas e apontam saídas para a crise da CSN. Entretanto, no ano seguinte, a direção iniciou

o ‘saneamento’ da empresa, objetivando a privatização, ocorrida em 1993. Desfaz-se o modelo da “Company town”, implementa-se uma política de perda de conquistas e desarticulação dos movimentos sociais, é o fim da identidade ainda restante de uma “família siderúrgica”. Marco Aurélio Santana (SANTANA, 2005), explicou que esse “efeito dominó” deu-se pelo fato do sindicato ter sido ponta-de-lança desses movimentos e, com seu declínio, a articulação entre os movimentos sociais teve seus dias contados.

Gracioli, concordando com Gramsci, afirmou que a ‘hegemonia nasce da fábrica’, ou seja, a ‘reestruturação produtiva’ foi uma “política condensada das classes proprietárias visando recompor sua hegemonia” (GRACIOLLI, 1999: 14). Já Beatriz Pacheco (PACHECO, 2002), viu a independência da usina promovida pela privatização, somada a crise sindical, como expressão de que ‘o poder é cada vez mais escorregadio e fugidio e o capital cada vez mais global’.

A ‘reestruturação’ atingiu outras esferas da realidade além da produção. Em 2004, na gestão municipal de Antônio Francisco Neto foi criado o Estádio da Cidadania, cujo significado foi analisado (OLIVEIRA; MASCARENHAS, 2006). O estádio além de uma área para prática de esportes, se configurou em ícone de um novo discurso: o esquecimento do passado, a reconstrução de monumentos e suas memórias. Então, dentro de mecanismos verticais construiu-se uma “cidadania”, para um “cidadão” que de sujeito agente da sua história passa a expectador, receptor das benesses concedidas pela prefeitura e pela empresa. A nosso ver, o Estádio da Cidadania pode servir como marco da consolidação da nova hegemonia local, depois dos anos de crise.

Implicações práticas...

Volta Redonda, mesmo antes de se tornar cidade possuía relação intrínseca com a CSN o que continuou a ocorrer após a usina ser privatizada. Para pensar o que ocorreu em Volta Redonda, é de grande contribuição o aporte teórico de Antonio Gramsci. Primeiro, quando se articulou a privatização à reestruturação urbana e implementação de uma nova ‘hegemonia’. Afinal,

“(...) uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica; mais precisamente, o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral(...)” (GRAMSCI, 2002: 19).

Segundo, porque nessa recomposição de forças percebe-se a atuação dos novos ‘dirigentes’, assumindo o papel de verdadeiros ‘intelectuais orgânicos’ (ligados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais), atuando na ‘sociedade civil’ (plano em que o discurso hegemônico está em disputa) em busca da hegemonia (GRAMSCI, 2002: 15-43) para que a ‘sociedade política’ (o Estado), não tivesse que atuar como na greve de 1988, onde cumpriu seu papel coercitivo: foram mortos 3 operários. Da relação entre intelectuais, sociedade política e civil se engendrou a luta pela hegemonia em Volta Redonda.

Portanto, parafraseando Graciolli, Volta Redonda seria um ‘laboratório’ de análise das transformações processadas em termos nacionais, e mesmo mundiais. Processo esse que achamos ser possível analisar pelo recorte: entre 1988, com a grande greve apoiada pelos movimentos sociais da cidade e ascensão política do líder sindical Juarez Antunes, e 2004, com o término do segundo mandato de Antônio Francisco Neto, construtor do Estádio da Cidadania.

As questões levantadas pelo caso de Volta Redonda podem ser uma amostra condensada, de um fenômeno mais geral das administrações municipais brasileiras, qual seja, a prioridade urbanística e estética de se fazer política (sintetizada na frase: “*Meu candidato é o asfalto*”, usualmente encontrada em carros da região), que enaltecem uma cidadania passiva, em que o cidadão contenta-se em ter direitos, deveres civis e políticos tutelados pela intervenção estatal, através de um forte processo de regulação. Como nos coloca Boaventura:

“(...) Politicamente, este processo significou a integração política das classes trabalhadoras no Estado capitalista e, portanto, o aprofundamento da regulação em detrimento da emancipação. Daí que as lutas pela cidadania social tenham culminado na maior legitimação do Estado capitalista. Daí que o capitalismo tenha se transformado profundamente para, no fim do processo de sua transformação, estar mais hegemônico do que nunca” (SANTOS, 2003: 245).

A contrapartida desta visão seria uma cidadania emancipatória, que para a análise da pesquisa que dá vida a este texto culminou com a greve de 1988 e foi forjada em período anterior. Período marcado pela participação popular, pela busca de alternativas gestadas nos movimentos sociais, extrapolando uma concepção de cidadania concebida pelo status quo. Visando uma cidadania participativa e não tutelada.

A justificativa ideológica dessas novas prioridades legitima-se por um novo discurso hegemônico capitalista, que se diz inserido numa nova modernidade. Assim, o caso de Volta Redonda deve

ser capaz de elucidar os mecanismos práticos dessa nova hegemonia, que conta com a desmobilização popular, a desvalorização, negligência e até a ressignificação do passado. Então, que modernidade é esta? Uma modernidade... Pós-moderna?

Vários autores já trataram da concepção e lógica pós-moderna sob os mais diversos argumentos e constatações. O foco deste texto não é afirmar a vigência de uma modernidade líquida, tardia ou pós-modernidade, mesmo porque, além de estar aquém de nossos objetivos exigiria um esforço hercúleo. Porém utilizaremos tal conceito buscando refletir sobre as implicações práticas desta concepção, no caso, as transformações sobre Volta Redonda.

Para David Harvey (HARVEY, 1989), a mudança do sistema fordista para o de “acumulação flexível”, gerou a diminuição de custos que teve de incitar o capital de giro, a rapidez das trocas, para um aumento do consumo. Esse só viria de uma mudança de hábitos, de cultura, identidade. Por isso, a ‘condição pós-moderna’, se caracterizaria pela invasão do capitalismo no campo da cultura, ocorrendo uma ‘espacialização do tempo’, uma valorização do espaço e da imagem em detrimento do tempo, da memória, do passado, para que tudo se transformasse em mercado e mercadoria.

Perry Anderson, em *As origens da pós-modernidade*, retomou os discursos sobre pós-modernidade em diversos campos. Ele situou o pensamento pós-moderno e, as conseqüências decorrentes desse debate. Assim

“(...) a ambivalência do pós-moderno deve, portanto, ser relacionada a um contraste histórico: esquematicamente, a derrota do operariado organizado e da revolta estudantil terminando numa acomodação ao mercado e a ascensão dos humilhados e ofendidos levando a um questionamento político da moralidade e do Estado” (ANDERSON, 1998: 134).

Anderson, por fim, situou a pós-modernidade como a lógica cultural do capitalismo atual.

Queremos deixar claro no texto que o que se pretende com a pesquisa é historicizar e dar lastro social àquilo que o discurso hegemônico entende como natural e desencarnado, tentando buscar as implicações de uma mudança econômica, social e política, que conseguiu alterar toda a relação de forças vigente na época (polarização entre CUT e movimentos sociais versus governo federal e gestores da usina), para uma relação de estabilidade e consenso conseguida em pouco tempo. Concordamos com Wood e não aceitamos a recusa de qualquer análise geral, pois assim,

acabaríamos praticando “uma teoria de mudança de época baseada em uma negação da história” (WOOD; FOSTER, 1999: 15).

Neste ponto, tentamos atrelar o processo de criação de um novo discurso hegemônico na cidade, reestruturador de identidades, concepções e novas práticas sociais, com o pós-moderno. Entendemos que tentou-se implementar uma hegemonia pós-moderna, no sentido que “o pós-moderno é a lógica cultural de um capitalismo não disposto ao combate, mas de uma complacência sem precedentes” (ANDERSON, 1998: 136).

Por esse viés parece possível compreender as transformações na cidade de Volta Redonda entre 1988 e 2004. Essas transformações práticas, concretas, afetaram profundamente o dia-a-dia dos operários da CSN, da cidade, da administração municipal, da imprensa local. De forma geral, as mudanças de investimentos demonstram o esforço da administração pública em desconstruir a imagem de “Cidade do Aço” e veicular a nova imagem de “Cidade da Cidadania” e da qualidade de vida.

Considerações finais...

Como este texto está tendo por base uma pesquisa de mestrado inconclusa e em processo inicial, não há a pretensão de afirmar que este é o verdadeiro caminho percorrido por Volta Redonda. Aliás, esta não é a intenção nem o foco de tal comunicação, mesmo após a conclusão da atual pesquisa. A preocupação que motiva esta comunicação é discutir o sentido dessas transformações sofridas na cidade, em uma perspectiva que permita perceber um processo de construção de uma nova hegemonia do capital que cataliza e dissimula a luta de classes, a fim de evitar e dirimir conflitos. Embasado em tais pontos, algumas hipóteses se fazem presentes:

- A aceitação do novo padrão de relações econômicas na cidade passou pela re-construção da sua identidade história, que migrou de um mito de coesão cidade-indústria para um novo mito de coesão na fórmula de uma ‘Cidade da Cidadania’.
- A fórmula de cidade da cidadania só conseguiu ser institucionalizada após o refreamento dos movimentos sociais vigentes durante o período anterior à privatização.
- A “Cidadania” vigente no discurso hegemônico local está atrelada ao projeto hegemônico global do capital.

Hipóteses que se tornam mais fortes quando analisamos o discurso do atual prefeito (Gothardo Neto), eleito com o apoio de Antônio Francisco Neto – criador do Estádio da Cidadania:

“Quando olhamos para Volta Redonda e vemos a nossa cidade moderna, bonita e arborizada, com espaços públicos e atraentes e construídos para agradar ao cidadão, ficamos orgulhosos por saber que estamos preparados para o futuro. Mas, com toda a certeza, muita gente nem imagina o que existe nos locais mais distantes, onde milhares de cidadãos ainda vivem na linha de miséria, à margem da sociedade.(...)”

(...) A pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Ação Comunitária é um trabalho sério e de grande valor. Os profissionais olharam com atenção para a periferia da cidade, desviando o olhar de Volta Redonda do século XXI e buscando o que existe na Volta Redonda do século passado, onde muitos cidadãos estão à espera de projetos sociais que resgatem uma vida digna(...)”².

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GRACIOLLI, Edílson José. *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História/Universidade Federal de Uberlândia, 1997.
- GRACIOLLI, Edílson José. *Um Laboratório Chamado CSN – Greves, Privatização e Sindicalismo de Parceria (A trajetória do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda – 1989/1993)*. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia/Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere: Volume 3 – Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941 –1988)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

² Retirado da parte intitulada Opinião da pesquisa promovida pela Prefeitura Municipal de Volta Redonda através da Secretaria Municipal de ação social, 2007.

- OLIVEIRA, Leandro Dias de; MASCARENHAS, Gilmar. Adeus ao proletariado? A dimensão simbólica do Estádio da Cidadania (Volta Redonda - RJ / Brasil), *Lecturas educacion fisica y deportes (Revista Digital)*, Buenos Aires, v. 11, n. 101, 2006. Localização eletrônica: <http://www.efdeportes.com/efd101/estadio.htm> .
- PACHECO, Beatriz. A Construção do discurso nacionalista: Volta Redonda – da Modernidade Sólida à Líquida. . In: *Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)*. Salvador, INTERCOM, 2002.
- SANTANA, Marco Aurélio. Uma cidade em movimento: trabalhadores e política em Volta Redonda (1980-1990) . In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, - ANPUH (Simpósio Temático Trabalhadores, Cultura e Instituições de Classe)*, Londrina, UEL/ANPUH, 2005. Localização eletrônica: sindicalismo.pessoal.bridge.com.br/MarcoSantana2005.rtf, acessado em 9/10/07
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John Bellamy (Orgs.). *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.